



AS TRÊS FACES DA MOEDA

Contos adaptados por Heloisa Prieto

Ilustrações Janaina Tokitaka



edelbra



AS TRÊS FACES DA MOEDA

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra



AS TRÊS FACES DA MOEDA

Contos adaptados por Heloisa Prieto

Ilustrações Janaina Tokitaka

1ª edição, 1ª impressão

Coordenação editorial: Elaine Maritza da Silveira

Ilustrações: Janaina Tokitaka

Projeto gráfico: YOYO ateliê gráfico

Revisão: Mônica Ballejo Canto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P949t

Prieto, Heloisa, 1954-

As três faces da moeda / Heloisa Prieto ; ilustrações
Janaina Tokitaka. – 1. ed. – Porto Alegre, RS : Edelbra, 2014.
64 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-66470-58-1

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Tokitaka, Janaina. II.
Título.

14-11787

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2014

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por
qualquer meio, sem a permissão por escrito da
editora.

Impresso no Brasil pela Edelbra Gráfica Ltda. CIRCULAÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

SUMÁRIO

Quantas faces tem uma moeda?.....	7
Magia.....	10
A chaleira mágica.....	30
Os cães e a flauta.....	40
Heloísa Prieto.....	60
Janaina Tokitaka.....	62

QUANTAS FACES TEM UMA MOEDA?

Os contos maravilhosos retratando situações mágicas, nas quais objetos, cenários e personagens passam por transformações fantásticas, acompanham a humanidade há séculos. Se o tempo em que se acreditava na existência de dragões, a ponto de assinalar suas cavernas nos mapas já passou, por que essas narrativas perduram?

Inúmeros são os estudiosos contemporâneos que pesquisam a simbologia dos contos de fadas. A jornada mítica dos heróis, as peripécias dos personagens coadjuvantes, a estrada como espaço de aprendizado, cada elemento das narrativas emite um campo de conhecimento que se expande e enriquece a leitura.

Como nos tempos da Idade Média, em que contadores de histórias percorriam os vilarejos narrando seus contos em praças públicas, o público que hoje se apaixona por narrativas de encantamento – as histórias de fantasia, os seriados de televisão, seus livros e filmes que tentam inserir personagens em tramas com as mesmas características das antigas narrativas orais – não tem idade. A luta pela conquista do poder, os dilemas que a justiça impõe,

a coragem de deslocar-se do ambiente conhecido rumo ao grande mundo cheio de perigos constituem-se como temas constantes dos contos fantásticos. Trata-se de histórias que falam da infância do mundo, de questões complexas e eternas, capturadas por meio de estruturas aparentemente simples.

Esta coletânea – *As três faces da moeda* – oferece a oportunidade de leitura de dois grandes narradores: Ryunosuke Akutagawa¹ e Andrew Lang². O primeiro, nascido no Oriente, escreve com um toque de ironia. Sua compaixão pela falha à qual é atraído o ser humano desperta no leitor a capacidade de amor e de identificação. Andrew Lang, por sua vez, é um narrador capaz de projetar o encantamento da palavra mágica. Quando se mergulha em seus textos, surge a sensação de transporte para uma espécie de mundo paralelo, onde as regras estão ocultas e tudo pode acontecer.

Afinal, quantas faces tem uma moeda?

Se você pensa que são apenas duas, cara ou coroa, engana-se! Ao ler os contos maravilhosos escritos por Akutagawa e Andrew Lang, perceberá que toda a moeda tem uma face secreta. E a cara que se esconde é justamente a de quem passa a possuir as moedas. Diante da fortuna, como você se comportaria? Desejaria cada vez mais moedas numa sede insaciável de poder? Nesse caso, as moedas o possuiriam e não o contrário.

Qual das faces desses contos moedeiros você vai preferir? Será que é possível escolher? Que tipo de fortuna você gostaria de angariar? A que preço?

Ler é como observar uma moeda em giro, perder de vista a cara e a coroa, ver além dos olhos e encarar o espelho secreto que se esconde no coração.

Leia. E deixe que os contos narrados se alojem em sua imaginação.

Heloisa Prieto

1. Ryunosuke Akutagawa (1892-1927). Nasceu em Tóquio, Japão. Como sua mãe tinha graves problemas de saúde, foi adotado e cresceu numa família japonesa tradicional. Desde cedo, foi um aluno brilhante. Começou a estudar inglês ainda menino e, aos dez anos, publicou textos em edições escolares. Formou-se na Universidade Imperial de Tóquio, em 1916, em língua e literatura inglesa. Trabalhou como professor de inglês por dois anos, mas tantos eram os convites para ensaios, romances e contos que, em 1919, passou a atuar como escritor profissional. Embora sua vida tenha sido breve, deixou um legado literário inestimável, sendo considerado como um dos maiores escritores do Japão e do mundo.

2. Andrew Lang (1844-1912). Nasceu na Escócia, era o mais velho de uma família com oito filhos. Em 1875, casou-se com Lenora Blanche Alleyene, tradutora, colaboradora e grande incentivadora de seu trabalho. Jornalista, poeta, romancista e historiador, estudou nas universidades de St. Andrews, Balliol e Oxford. Folclore, mitologia e religião eram seus principais objetos de pesquisa. Lutou contra os preconceitos de seu tempo, defendeu a poesia e a beleza dos contos maravilhosos. Lang e sua esposa foram responsáveis pela divulgação dos contos mágicos oriundos de várias partes do mundo. Sua influência literária, como compilador e adaptador de contos de fadas, foi imensa na Grã-Bretanha, na Europa e nas Américas.

MAGIA



CHOVIA INTERMITENTEMENTE naquela noite. O carrinho que me levava subia e descia as ladeiras íngremes da região de Omori e, finalmente, estacionou diante de uma casa pequena, estilo ocidental, rodeada por uma cerca de bambu. Sob a luz da lanterna do garoto que puxava o meu rikisha, pude ver a placa de porcelana contendo o nome do indiano Matiram Misra escrito com caligrafia japonesa. Era a única novidade na pequena entrada com sua tinta cinza descascada.

Muitos de vocês já ouviram falar de Matiram Misra. Misra é um patriota de Calcutá que sempre trabalhou em prol da independência da Índia e é também um jovem mago que estudou os segredos do famoso Brahmin, Hassan Khan. Eu tinha encontrado Misra há um mês, fomos apresentados por um amigo, quando discutimos vários problemas políticos e econômicos, mas

nunca estive presente quando ele usou magia real. Por isso, enviei uma carta pedindo-lhe que me mostrasse um pouco de magia, e agora vim de rikisha até a região solitária na qual vivia Misra.

Molhado da chuva, encontrei o sino em cima da placa com o nome, sob a luz tremulante da lanterna do garoto do rikisha, e o toquei. A porta logo se abriu. O rosto à entrada era de uma senhora japonesa idosa que trabalhava para Misra.

– Misra está?

– Por favor, entre. Ele está esperando por você.

A velha senhora tinha um jeito simpático. Ela me levou até o quarto de Misra, que ficava próximo à entrada. Misra me cumprimentou calorosamente e aumentou a chama da lamparina sobre a mesa.

– Fico feliz que a chuva de hoje não o tenha impedido de vir.

– Chuva nenhuma poderia me impedir de ver sua magia.

Sentei numa cadeira, olhei o quarto ao meu redor repleto de sombras produzidas pela lâmpada a óleo.

O quarto de Misra era simples, em estilo ocidental, com uma mesa no meio, uma providencial estante de livros na parede e uma escrivaninha perto da janela. Além disso, não havia nada além das cadeiras nas quais estávamos sentados. As cadeiras e a escrivaninha estavam bem gastas, e a toalha que já fora brilhante, bordada nas pontas com flores vermelhas, parecia prestes a se desmanchar a qualquer momento.

Depois de trocar amenidades, ficamos ouvindo, por um momento, a chuva caindo do outro lado da cerca de bambu. Finalmente, a velha senhora trouxe seu pote de chá preto e Misra abriu uma caixa de cigarros.

– Pegue um.

Peguei um cigarro e o acendi.

– Obrigado, creio que o espírito que o acompanha é um gênio chamado de djiin. Imagino que

—você usa o poder desse gênio para fazer a magia que vai me mostrar.

Misra acendeu o cigarro, sorriu e soltou uma nuvem de fumaça perfumada.

—Já se passaram centenas de anos desde que alguém importunou um djjin. Você provavelmente está pensando nas *Mil e uma noites*. A magia que aprendi de Hassan Khan é tão simples, que até você mesmo poderia praticá-la se quisesse. Na verdade, trata-se de uma forma avançada de hipnotismo. Repare e mova as mãos como eu.

Misha ergueu a mão e fez um movimento triangular diante da face várias vezes. Então, ele levou a mão de volta ao tampo da mesa e pegou uma flor bordada na ponta da toalha. Surpreso, escorreguei da minha cadeira e fitei a flor cuidadosamente. Sem dúvida era uma das flores que estavam bordadas no tecido. Misra levou a flor até o nariz e eu senti o cheiro forte de almíscar. Gritei de admiração. Misra ainda tinha um sorriso leve quando deixou a flor sobre a toalha com um gesto distraído. Assim que a flor caiu sobre a

toalha, novamente incorporou-se ao bordado – não podia mais ser retirada, ou uma única pétala ser movida.

– Viu? Simples, não é mesmo? Agora olhe para a lâmpada.

Enquanto falava, ele arrumou a lâmpada de querosene sobre a mesa, mas, por alguma razão, a lâmpada começou a girar naquele exato momento. Enquanto ele continuava, a sombra da lâmpada começou a revirar em torno do centro da chaminé. Fiquei alarmado e com medo de que um incêndio começasse, mas Misra se sentou quietamente, bebendo seu chá, sem dar sinal de preocupação. Então eu me forcei a ficar imóvel e a fitar a lâmpada enquanto ela girava cada vez mais rápido.

Misra girou e olhou para a estante na parede, depois estendeu a mão e a tocou. Um atrás do outro, os livros que estavam alinhados na estante voaram até a mesa. Eles voavam porque abriam as páginas como se fossem asas, depois as batiam no ar como se fossem morcegos numa



RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98



RESPEITE O DIREITO AUTORAL. REPRODUÇÃO PROIBIDA - LEI 9.610/98

noite de verão. Minha boca, ainda com o cigarro pendurado no lábio, caiu aberta de surpresa – os livros voavam livremente sob a tênue iluminação da lâmpada e, depois, um a um, eles se empilharam na mesa, tomando a forma de uma pirâmide. Quando o último livro se apoiou no topo da pirâmide, o primeiro começou a mover-se de novo, e achei que todos eles retornariam aos seus respectivos lugares na prateleira.

Mas então – e isso foi minha grande surpresa – um livro fino, ainda com as páginas abertas como se fossem asas, levemente circulou a mesa e, depois, de repente, caiu no meu colo. Apanhei o livro, imaginando o que poderia estar acontecendo, e vi que era um novo romance francês que eu tinha emprestado a Misra na semana anterior.

– Sou tão grato por este livro.

O sorriso de Misra ainda era evidente quando me agradeceu. Mas então os outros livros voltaram para a estante. Por um momento, fiquei tão encantado até mesmo para dizer obrigado. Mas

consegui lembrar que, um pouco antes, ele dissera que a magia era “algo que eu poderia fazer se quisesse”.

– Realmente, ouvi falar tanto de você, mas não imaginei que sua magia fosse tão impressionante. Claro que você estava brincando quando disse que a magia estaria ao meu alcance, não é mesmo?

– Você poderia praticá-la. Qualquer um pode fazer magia facilmente, a menos que...

Misra fez uma pausa e fitou meus olhos fixamente, depois assumiu um tom sério que eu jamais ouvira em sua voz antes.

– A menos que a pessoa seja gananciosa. Se você quiser aprender a magia de Hassan Khan, precisa deixar a ganância de lado. Você consegue fazer isso?

– Acho que sim. – De algum modo, eu me senti desconfortável ao responder e imediatamente acrescentei. – Se você me ensinar sua magia,

Misra ainda parecia cético, mas talvez ele sentisse que seria rude me pressionar mais. Finalmente, ele suspirou.

– Eu lhe ensinarei, então, e embora eu tenha dito que posso fazer isso facilmente, você levará certo tempo para aprender. Você terá de ficar aqui hoje à noite.

– Estou tão grato por você se dar ao trabalho de me ensinar...

Fiquei agradecendo Misra por ensinar-me a magia, mas ele se sentou calmamente em sua cadeira, sem dar a impressão de reparar em mim. Depois ele chamou a senhora:

– Vovó! Vovó! Nosso convidado vai passar a noite aqui. Por favor, apronte uma cama!

O coração disparado, esquecendo-me de bater a cinza da ponta do cigarro, fitei o rosto suave de Misra, iluminado pela lâmpada de querosene.

Um mês se passou depois que aprendi magia com Misra. Surgiu outra noite chuvosa, mas

dessa vez eu estava sentado na sala de um clube em Ginza, conversando com uns cinco ou seis amigos diante de um fogão.

Embora eu estivesse no coração de Tóquio, a chuva caindo fora da janela, molhando os carros que passavam, produzia o mesmo ruído solitário que eu tinha captado quando as gotas caíam nas cercas de bambu em Omori.

Claro que a atmosfera alegre, as luzes brilhantes das lâmpadas, as poltronas e o assoalho polido não podiam ser comparados, em aparência ou atmosfera, ao que encontrei na sala de Misra.

Estávamos sentados, envolvidos por nuvens de fumaça de cigarro, contando histórias de corridas de cavalos, quando um de meus amigos me perguntou:

– Contaram-me que agora você sabe praticar magia. Como é? Quer dar uma demonstração?

– Tudo bem – eu disse, vaidoso, enquanto encostava a cabeça no espaldar da cadeira, fazendo pose de mágico famoso. – Já que vocês me

pediram, vou lhes mostrar algo estranho, algo que um mágico qualquer não deveria tentar imitar.

Todos meus amigos aprovaram e aproximaram as cadeiras para observar, os olhares curiosos. Lentamente, eu me levantei.

– Por favor, olhem bem. Não faço truques.

Quando eu disse isso, enrolei as mangas e apaguei dois carvões incandescentes com as mãos nuas. Os amigos que me cercaram afastaram-se. Olhei nas faces de cada um atentamente.

Continuei no mais total controle. Depois de segurar as pedras de carvão diante deles, eu as atirei longe. Quando os pedaços de carvão se espalharam no assoalho, produziram o som de uma chuva torrencial, que rapidamente cobriu o ruído da chuva que caía do lado de fora da janela. Isso foi porque, na hora em que as brasas deixaram minhas mãos, elas se transformaram em belas moedas de ouro que caíram, espalhando-se pelo chão.

Maravilhados, todos meus amigos ficaram tão espantados que mal conseguiram aplaudir.

– Bem, isso é tudo. – Com um sorriso orgulhoso, sentei calmamente na minha poltrona.

Depois que se passaram cinco minutos, um de meus amigos deslumbrados perguntou:

– Isso é dinheiro de verdade?

– São moedas reais. Se vocês acham que são falsas, peguem uma delas e reparem.

– Elas não vão me queimar?

Um amigo cuidadosamente apanhou uma moeda do chão.

– Elas são de verdade mesmo! Ei, porteiro! Pegue uma vassoura, uma pá e recolha essas moedas para nós!

O porteiro, exatamente como foi instruído, varreu as moedas e as reuniu, empilhando-as sobre a mesa perto de nós. Meus amigos a cercaram.

– Deve ter mais de mil aqui!

– Muito mais do que isso! Se a mesa não fosse forte, ela teria quebrado com tantas moedas!

– De qualquer modo, ele aprendeu uma magia forte! Para transformar carvão em moeda desse jeito!

– Desse jeito, ele ficará um milionário em uma semana.

E todos eles admiraram minha magia, e eu sentei de novo na poltrona. Finalmente, eu disse:

– Não, se minha magia os deixar com ganância, nunca mais serei capaz de praticá-la. Então, enquanto vocês estavam aí, olhando as moedas, planejei atirá-las de volta à lareira.

Nisso, todos meus amigos reclamaram. Jogar a fortuna fora não fazia sentido, disseram. Mas eu resisti, obstinadamente, dizendo-lhes que tinha feito uma promessa a Misra, então eu certamente jogaria as moedas fora. Nisso, um de meus

amigos, que é conhecido por sua esperteza, deu um passo adiante e riu na minha cara.

– Você disse que vai jogar o dinheiro no fogo. Nós lhe dissemos para não fazer isso. É claro que podemos ficar sempre discutindo sem chegar a lugar algum. Veja a minha ideia. Por que não disputamos uma partida de cartas, usando as moedas para apostar? Se você ganhar, jogamos as moedas no fogo para que virem carvão outra vez. Mas, se vencermos, o dinheiro ficará conosco. Assim, todos ficarão satisfeitos.

Eu ainda fiz que não com a cabeça e não quis aceitar a proposta. Ele riu mais ainda e não parava de olhar as moedas sobre a mesa.

– Claro que a verdadeira razão pela qual você não vai jogar cartas conosco é porque não quer que a gente fique com o dinheiro. Se for esse o caso, duvido que você realmente tenha deixado as ambições de lado para poder praticar sua magia.

– Não, se eu quisesse guardar as moedas, não as transformaria em carvão de novo.

– Então, por que não jogamos cartas?

Depois de refutar a ideia várias vezes, finalmente decidi que não tinha outra escolha além de jogar as cartas usando as moedas para apostar, como havia sugerido meu amigo.

Meus colegas, naturalmente, ficaram eufóricos. Eles pediram um baralho e foram até uma mesa de jogo no outro canto da sala, onde insistiram, sem hesitação, para que eu me sentasse rapidamente.

Sem outra chance, sentei-me, ainda reclamando, e comecei a jogar cartas com meus amigos. Mas, por alguma razão, naquela noite, eu, que não sou um jogador excepcional, ganhei todas as partidas. E embora eu não quisesse jogar de início, gradualmente fui ficando muito animado. Dentro de dez minutos, eu já tinha esquecido tudo e jogava as cartas com o maior entusiasmo.

Claro que meus amigos começaram a jogar com a ideia de que tirariam todas as moedas de mim, e a impaciência evidente se estampava em seus

rostos, pois estavam totalmente possuídos pelo sonho de vitória. Mas parecia que, por mais desesperados que fossem, eu jamais perdia uma partida e acabei ganhando um valor igual à pilha de moedas. Então, o amigo perverso que tinha sugerido o jogo perdeu totalmente o controle e ficou parado, segurando as cartas.

– Vamos ver quem tira a carta mais alta. Aposto todas as minhas propriedades: minha terra, minhas casas, meus cavalos, carroças, tudo que tenho! E você aposta todas as moedas de ouro e tudo o que ganhou no jogo hoje. Agora, tire a carta!

Senti um desejo naquele momento. A montanha de moedas empilhadas na mesa e o dinheiro que eu tinha ganhado poderiam desaparecer num momento de azar, mas eu não queria ser vencido por meus amigos. E, se eu vencesse, todas aquelas propriedades me pertenceriam! Por que eu me dediquei tanto tempo à magia se não podia usá-la em meu próprio proveito? Com essa ideia na cabeça, nada me impediria de usar minha magia para vencer.

– Tudo bem. Mas você tira a carta primeiro.

– Nove!

– Rei!

Quando gritei diante de minha vitória, ergui a carta que tinha tirado diante dos olhos do meu oponente. Mas a cara debaixo da coroa do rei subitamente sumiu da carta e, ainda mantendo a espada apontada para o alto, outra cara sorriu de um modo desagradável e gritou com voz familiar:

– Vovó! Vovó! Nosso convidado decidiu voltar para casa. Você não precisa preparar a cama dele!

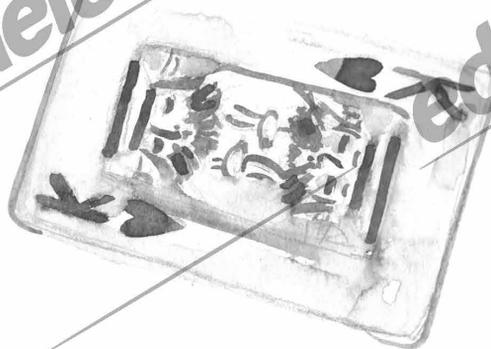
A chuva caía do lado de fora da janela e novamente soava como quando ela batera na cerca de bambu em Omori. Olhei ao meu redor e vi que estava sentado diante de Misra, o rosto banhado pela luz tênue da lâmpada a óleo, o sorriso idêntico ao do rei na carta do baralho.

O tempo se passara como num sonho. Mas, em dois minutos, ficou claro para mim, para Misra e

para a senhora, que eu não era uma pessoa qualificada para aprender a magia de Hassan Khan. Abaixei a cabeça, morto de vergonha, sem ter o que dizer.

Com um olhar de piedade, Misra apoiou os cotovelos na toalha bordada com flores e me reprovou silenciosamente.

– Se você quer aprender magia, precisa abandonar a ganância. Isso, você ainda não conseguiu aprender...



Adaptado do conto de Ryunosuke Akutagawa.



Adaptado do conto de Ryunosuke Akutagawa.

HELOISA PRIETO

Ouvir e contar histórias sempre fez parte dos hábitos de minha família. Nas grandes mesas de almoço, aos domingos, havia quase uma competição pela história mais impressionante, uma espécie de roda de histórias informal protagonizada por todo tipo de personagem. Casos reais misturavam-se a narrativas de filmes e de livros; paixões extraordinárias (às vezes, sobrenaturais ou extraterrestres), humor e fantasia davam diferentes tons ao narrado. Quem melhor narrasse, mais festejado era, e a leitura sempre foi um ótimo caminho para se aprender novos enredos e depois compartilhá-los. Não se tratava de um momento ritualizado de modo formal. Minha avó Leonor, falante e otimista, servia os pratos enquanto contava uma história de sorte e azar; a narrativa já puxava a lembrança de outro caso, muitas vezes contado por minha tia-avó. Os extraterrestres eram assunto preferido de meu tio Roberto, e meu pai, Luiz Felipe, preferia as aventuras.

Escutá-los todos, falando alto e muitas vezes ao mesmo tempo, me ajudou a compreender a personalidade de cada membro da família. As histórias surgiam como

prismas de realidade, espelhos desses olhares, transmitindo imagens por meio de vozes. Com o passar dos anos, mergulhei na leitura dos livros citados por eles e depois fui escolhendo, eu também, os meus preferidos. Vozes impressas ecoaram em minha mente e imprimiram novas cenas e formas de ver o mundo. Ecos de outros mundos ajudando-me a delinear a geografia secreta de meus próprios universos íntimos.

A convivência com tantos contadores de histórias acabou por definir minha trajetória profissional: além de escritora, com mais de 50 livros publicados, sou doutora em Teoria Literária, mestre em Comunicação e Semiótica e tradutora.

JANAINA TOKITAKA

Nasci em São Paulo, em 1986. Sou bacharel em Artes Plásticas pela USP e mestranda em História da Arte pela Unicamp. Minha paixão por literatura e desenho me levou a trabalhar com ilustração. Meus trabalhos são feitos, principalmente, com aquarela, nanquin e acrílica. Em meus livros, as histórias são contadas com imagens e palavras ligadas entre si, sugerindo múltiplas leituras. Além de escrever e ilustrar para crianças e adolescentes, ministro cursos e oficinas sobre ilustração em instituições como a Escola do MASP e o Museu de Imagem e Som (MIS), ambos em São Paulo. Com frequência, retomo a iconografia e o folclore japoneses na minha obra, transpondo-os para a imagem narrativa contemporânea. Ao elaborar as imagens para este livro, usei estampas e pincéis típicos do Japão, mesclados a referências e materiais ocidentais. São de minha autoria *Tem um monstro no meu jardim*, *Eu e A árvore: os três caminhos*, entre 14 outros títulos.

edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra
edelbra

Quantas faces tem uma moeda?

Se você pensa que são apenas duas, cara ou coroa, engana-se! Ao ler estes contos maravilhosos, perceberá que toda a moeda tem uma face secreta.

E que cara é essa que se esconde entre cara e coroa?

Diante da fortuna, como você se comportaria? Desejaria cada vez mais moedas? Ou abriria mão da riqueza?

Qual das faces desses contos moedeiros cada leitor escolherá?

Será possível escolher?



edelbra

